

ENSAIO

## **TRAJETÓRIA DE LIDERANÇAS FEMININAS AFRODESCENDENTES: um ensaio introdutório**

**Carlos Roberto Pereira SOUZA<sup>13</sup>**  
**Sandra Fernandes LEITE<sup>14</sup>**

### **Resumo**

Este ensaio aborda a trajetória das lideranças femininas afrodescendentes no Brasil, ressaltando sua relevância para a compreensão da sociedade atual e o movimento de valorização da cultura negra. Apesar dos desafios e discriminação, essas mulheres ocupam posições destacadas na política, cultura e educação. Suas estratégias de resistência contra dominações étnicas e de gênero são evidenciadas, revelando habilidades transmitidas entre gerações. Destaca-se, ainda, que as afro-brasileiras são as principais vítimas da desigualdade resultante da exclusão, pobreza e falta de políticas públicas adequadas à saúde e inclusão social.

**Palavras-chave:** Lideranças afro-femininas; Resistência cultural; Valorização afrodescendente; Inclusão social.

### **Abstract**

This essay discusses the trajectory of Afro-descendant female leadership in Brazilian history, highlighting their importance for understanding current society and the movement to valorize black culture. Despite facing challenges and discrimination, these women have held prominent positions in politics, culture and education. The strategies used by black women to promote resistance against ethnic and gender domination are highlighted, showing how they developed skills of resistance and struggle passed down through generations. The text also emphasizes that Afro-Brazilian women are the main victims of the inequality generated by exclusion, poverty, and the lack of appropriate public policies for health and social inclusion.

**Keywords:** Afro-feminine leadership; Cultural resistance; Afro-descendant valorization; Social inclusion.

### **Introdução**

A proposta deste ensaio é abordar um tema de grande relevância para a atualidade brasileira, ou seja, a trajetória de lideranças femininas afrodescendentes em nossa história.

---

<sup>13</sup> Faculdade de Educação da Unicamp, Campinas, SP, Brasil. E-mail: [venceraluta@gmail.com](mailto:venceraluta@gmail.com).

<sup>14</sup> Faculdade de Educação da Unicamp, Campinas, SP, Brasil. E-mail: [sfleite@unicamp.br](mailto:sfleite@unicamp.br).

Nos últimos anos, convivemos com um forte movimento de negacionismo e de uma tentativa nada singular de apagamento da história de nomes e personalidades que são de grande importância para se conceber o Brasil que temos hoje. Sabemos que, historicamente, o papel desempenhado por lideranças afrodescendentes femininas não é uma história de heroínas, mas é sim marcada por inúmeros desafios e lutas constantes contra a discriminação e a busca por direitos. Ainda assim, podemos observar que, mesmo de forma tímida, essas mulheres têm galgado espaços em diferentes áreas e ocupado posições de destaque na política, na cultura, na educação, nos movimentos sociais, nas universidades e em outros espaços.

Este texto não tem a pretensão de esgotar o tema, e sim de dar início a uma discussão sobre o assunto, um diálogo necessário. Para isso, usamos da pesquisa bibliográfica e de um olhar sobre a história para trazer reflexões sobre o tema. Trazemos a temática para ser discutida destacando pontos base neste ensaio. Nosso objetivo é resgatar a trajetória de vida de mulheres negras e sua contribuição aos grupos ou comunidades que fizeram parte.

Sabemos que estamos tratando de um tema que foi historicamente negado e apagado de nossos registros. É muito recente a preocupação e o regaste de revisitar a história e buscar o que foi deixado de lado e negligenciado. Podemos inferir que, desde a época do início da escravidão no Brasil, essas mulheres negras enfrentavam uma realidade de opressão, exploração e violência. Contudo, colocando a lente com outro enfoque, podemos descobrir que, já nesse período vergonhoso de nossa história, muitas delas desenvolveram habilidades de resistência e luta, que foram passadas de geração em geração.

Com isso, mesmo com o passar do tempo, essas habilidades foram se transformando em estratégias de empoderamento e liderança. Nesse contexto de resistência, vamos resgatar relatos ocorridos na região de Campinas/SP, a título de ilustrar um pouco esse cenário tão rico e esquecido. Pretendemos destacar alguns exemplos de atividades socioculturais no que viria a ser a região metropolitana de Campinas, por tratar-se de uma região marcada, a partir de meados século XIX, por forte

experiência escravocrata, na qual toda e qualquer manifestação cultural de origem negra geralmente era repelida pelos grupos dominantes da sociedade local<sup>15</sup>.

Cabe destacar que a região de Campinas, a partir do final do século XIX, carregou um triste e forte legado, pois dificultava a inserção do negro (homem livre) na sociedade de então. Naquele contexto, as manifestações de caráter negro geralmente eram tolhidas pelas autoridades locais (a Igreja, as forças policiais e a elite da época), uma vez que a cidade abrigava uma sociedade extremamente conservadora. O preconceito racial atingia níveis explícitos de intolerância, chegando a controlar a circulação de afrodescendentes pelas ruas e praças da área central de Campinas, fato que se arrastou até as primeiras décadas do século XX. Cleber da Silva Maciel (1997) descreve como era o cenário conflitante da época:

O racismo atuou também como elemento de força para a restrição, o confinamento e o combate às manifestações culturais negras. As perseguições contra os sambas, contra as capoeiras e os bailes, contra religiosos e as religiões são exemplo disso. [...] Sob alegação de que o resultado dos sambas são sempre brigas, as autoridades policiais resolveram regularizar, via legislação própria e específica, a realização de sambas nas ruas ou praças públicas, a partir do que, somente poderiam ter lugar em quintais murados, fosse no centro ou bairros da cidade. Para os brancos de Campinas, todas as manifestações culturais negras que tinham músicas eram, indistintamente, classificadas como sambas e bailes.

[...] nesse período as práticas racistas estavam voltadas para uma tentativa de restringir e interceptar áreas públicas aos negros, incidiam sobre as relações de trabalho e pressupostos racistas oportunizavam a morte de inocentes. Nos anos de 1921 e 1922, destacavam-se dois pedidos de interdição de “sambas pretos, para evitar conflitos”. Nestes casos, o racismo atuou camuflado em ação preventiva de ordem pública e foi dirigido para reprimir o lazer (p. 38-40).

Seu Nenê do Cavaco, famoso sambista e compositor de Campinas, falecido em 2009, em entrevista concedida a um jornal da cidade, foi capaz de definir bem esse período conturbado para a população negra campineira: “na Barão de Jaguara, só

---

<sup>15</sup> Na cidade de Campinas, há registros raros que mostram uma exceção, uma propriedade rural onde os negros podiam promover seus sambas. Segundo conta Amélia Rezende Martins, filha do Barão Geraldo de Rezende, seu pai autorizava os escravos a praticarem suas manifestações culturais. No livro *Um idealista realizador: Barão Geraldo*, de sua autoria, ela descreve a posição do pai, que autorizava as rodas de samba promovidas pelos escravos no terreiro de café, que era localizado em frente à Casa Grande ou Sede da Fazenda Santa Genebra, onde o Barão Geraldo de Resende, juntamente com sua família e convidados, assistia aos batuques promovidos pelos negros escravizados.

andavam brancos e, na Francisco Glicério, só os pretos ficavam. Era tudo dividido mesmo, em termos de passeio, até o meio do Largo do Rosário. Lá se tocava uma musiquinha (referindo-se ao samba)<sup>16</sup>.

Maria Lúcia Rangel Ricci (1999), ao referir-se à cidade de Campinas do final do século XIX, afirma que o município tinha papel de destaque no cenário da política nacional pela pujança e riqueza oriundas da economia cafeeira. Mas a autora aponta também que a cidade era marcada pelo forte passado escravocrata, com uma sociedade extremamente racista e conservadora, cuja intolerância em relação à cultura afrodescendente perdurou até meados do século XX.

Nesse ambiente conflitante, a população negra, diante das condições que lhes eram impostas, buscou estratégias de sobrevivência dentro do próprio sistema opressor como forma de resistência, fato que contribuiu para a manutenção da cultura e da identidade negra. Essas reações bem-sucedidas são denominadas por Simson e Gusmão (1989) como exercício de resistência inteligente. Elas assim as definem:

Ao buscar os meios de viver, o negro cria e preserva espaços dentro do sistema. O capital social básico que permitirá a ele reagir assenta-se em formas culturais coletivas, cristalizadas no processo histórico. É, então, como escravo e ex-escravo, marcado pela privação social e material, submetido à natureza das relações econômicas e políticas da sociedade envolvente, que busca organizar-se, e o faz construindo sua vida e a interpretação sobre ela (Simson; Gusmão, 1989, p. 221).

Ainda nesse sentido, recorremos a Certeau (1996), que caracterizou essas reações como estratégias de sobrevivência. O autor afirma que o indivíduo ou o grupo em situação de vulnerabilidade busca alternativas que lhe garantam a sua sobrevivência frente à hostilidade imposta pelo sistema dominante. No caso, os grupos provenientes da população negra, diante da exclusão racial e social que vivenciaram, buscaram construir suas estratégias através da cultura popular, na esperança de conquistar a tão desejada cidadania. Passaram a se organizar com a criação de clubes, associações, sociedades filantrópicas, órgãos de imprensa, partidos políticos, bandas etc.

---

<sup>16</sup> CÉSAR, João Batista. Entrevista/ Nenê do Cavaquinho (o Cartola de Campinas). Entrevistado: Nenê do Cavaquinho. **Correio Popular**, Campinas, SP, 15 jun. 1997. Disponível em: <https://www.oocities.org/zamby.geo/008cm.html>. Acesso em: 01 fev. 2023.

Para tanto, nosso olhar está voltado para as estratégias utilizadas por mulheres negras para promoverem ações de resistência às dominações étnicas e de gênero, mesmo diante de pressões internas (do próprio grupo negro) e externas (da sociedade mais ampla e conservadora).

### **As mulheres negras e a resistência**

O artigo intitulado *O poder feminino no culto aos Orixás*, de autoria das pesquisadoras Sueli Carneiro e Cristiane Abdon Cury (1993), publicado no Caderno IV do *Instituto da Mulher Negra*, retrata a questão da exclusão social da mulher negra na sociedade moderna quando dizem:

Essa tradição de confronto e humilhação dessas mulheres negras e pobres com uma sociedade que lhes explora e discrimina, as estratégias de sobrevivência e resistência por elas engendradas compõem parcela significativa da história do oprimido deste país (Carneiro; Cury, 1993, p. 30).

Ainda sobre essa questão, no caso das afro-brasileiras, constatamos pela bibliografia sobre o tema que elas são as principais vítimas da perversidade desigual gerada pela exclusão, pobreza e falta de políticas públicas adequadas à saúde e à inclusão social. Precisamos, também, dar atenção aos espaços onde aconteciam tais ações culturais, pois se tratam de ambientes alternativos e privilegiados, onde geralmente aconteciam práticas da educação não-formal<sup>17</sup>, pois são exatamente nesses locais que essas mulheres influenciaram as novas gerações nas produções de âmbito cultural (músicas como o samba, danças populares, poesias e práticas religiosas). Podemos inferir que tal posicionamento acabou por conduzi-las a serem lideranças locais. Para exemplificar, o *Batuque de Pirapora*, composição de Geraldo Filme, pode nos ajudar a entender:

---

<sup>17</sup> O pesquisador luso Almerindo Janela Afonso Garcia (1989) procurou definir as principais características que diferenciam educação não-formal e educação formal da educação informal, quando diz: “[...] Por educação formal, entende-se o tipo de educação organizada com uma determinada sequência proporcionada pelas escolas, enquanto que a designação de educação informal abrange todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado. Por último, a educação não-formal, embora obedeça também a uma estrutura e a uma organização (distintas, porém, das escolas) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a finalidade), diverge ainda da educação formal no que respeita à não fixação de tempos e locais e a flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo” (GARCIA, 1989, p. 78).

**Batuque de Pirapora<sup>18</sup>**

Eu era menino  
Mamãe disse: vamos embora  
Você vai ser batizado  
No samba de Pirapora  
Mamãe fez uma promessa  
Para me vestir de anjo  
Me vestiu de azul-celeste  
Na cabeça um arranjo  
Ouviu-se a voz do festeiro  
No meio da multidão  
Menino preto não sai  
Aqui nessa procissão  
Mamãe, mulher decidida  
Ao santo pediu pediu perdão  
Jogou minha asa fora  
Me levou pro barracão  
Lá no barraco  
Tudo era alegria  
Nego batia na zabumba  
E o boi gemia  
Iniciado o neguinho  
Num batuque de terreiro  
Samba de Piracicaba  
Tietê e campineiro  
Os bambas da Paulicéia  
Não consigo esquecer  
Fredericão na zabumba  
Fazia a terra tremer  
Cresci na roda de bamba  
No meio da alegria  
Eunice puxava o ponto  
Dona Olímpia respondia  
Sinhá caía na roda  
Gastando a sua sandália  
E a poeira levantava  
Com o vento das sete saias  
Lá no terreiro  
Tudo era alegria  
Nego batia na zabumba  
E o boi gemia  
Lá no terreiro  
Tudo era alegria  
Nego batia na zabumba  
E o boi gemia.

---

<sup>18</sup> FILME, G. Batuque de Pirapora. **Letras**, [2023]. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/geraldo-filme/761011/>. Acesso em: 01 fev. 2023.

Iniciamos com a composição de Geraldo Filme<sup>19</sup> *Batuque de Pirapora*, para a qual o compositor recorreu às suas memórias de infância, na primeira metade do século XX. Descreveu o posicionamento decisivo de sua mãe ao vê-lo impedido de participar da procissão em São Bom Jesus de Pirapora, devido à cor de sua pele. Diante do constrangimento do garoto, sua mãe logo “pede perdão ao Santo” e, juntamente com o filho, dirigiu-se aos antigos barracões, onde, à noite, os romeiros reverenciavam o Santo Protetor com entusiasmadadas rodas de samba. Nesse ambiente festivo, o compositor foi “batizado” na roda de samba, fato memorável em sua vida, pois a atitude de sua mãe indiretamente influenciou o futuro do jovem, porque ele se tornou um grande sambista e compositor do Carnaval popular negro paulistano.

A posição reativa materna desse jovem negro provocou-nos indagações e reflexões sobre ações que marcam as trajetórias de vida de mulheres negras diante de situações nada favoráveis, que muitas conseguiram superar, transformando os revezes impostos em patamares de luta. Buscamos a fundamentação em Paulo Freire (1987) e em Ricardo Santhiago (2009), que forneceram subsídios para fomentar tais inquietações.

Paulo Freire (1987) define essas atitudes como atos-limite. Segundo o autor, são situações em que o indivíduo se encontra em condições extremamente desfavoráveis e, consciente da importância de seu papel político-social, decide transpor as barreiras que

---

<sup>19</sup> Nascido em São João da Boa Vista, no interior paulista, Geraldo Filme (1928–1995) veio pequeno para a Capital. O pai tocava violino, mas foi com a avó que conheceu os cantos de escravos que influenciaram sua formação musical. Sua mãe tinha uma pensão nos Campos Elíseos e fazia marmitas que o menino Geraldo entregava em toda a região. Na Barra Funda, bairro vizinho, passava um bom tempo nas rodas de samba e de tiririca (tipo de capoeira) que os carregadores improvisavam no Largo da Banana.

Sua mãe fundou o primeiro cordão carnavalesco formado só por mulheres negras, que futuramente iria se transformar na Escola de Samba Paulistano da Glória. Geraldo tem o nome ligado à história do carnaval paulista. Respeitado e querido por todas as escolas, marcou presença na Unidos do Peruche, para quem compôs sambas-enredo, mas é lembrado principalmente por sua ligação com a Vai-Vai. O samba *Vai no Bixiga prá ver* tornou-se um hino da escola, e *Silêncio na Bexiga* homenageia Pato Náguas, um célebre diretor de bateria da Vai-Vai.

“Com o samba-enredo ‘Solano Trindade, Moleque de Recife’ levou a escola ao vice campeonato (1976). Nos últimos anos de vida, trabalhou na organização do carnaval na cidade de São Paulo, tornando-se uma referência da cultura negra paulistana. Um aspecto pouco estudado de sua obra é a releitura do samba rural paulista (*Batuque de Pirapora*, *Tradições e Festas de Pirapora*), que trazem elementos dos vissungos e batuques ensinados por sua avó. Deixou poucas gravações, e boa parte de sua obra continua desconhecida. O LP ‘Geraldo Filme’, gravado em 1980, demorou 23 anos para ser lançado em CD (Eldorado, 2003). Participou também de uma importante gravação de cunho documental e histórico: *O Canto dos Escravos*, com Clementina de Jesus e Doca da Portela (Eldorado, 1982)”. Disponível em: <http://www.samba-choro.com.br/artistas/geraldofilme>. Acesso em: 08 maio. 2012.

lhes são impostas. Nesse sentido, Freire (1987) afirma que essas situações: “[...] implicam uma postura decisória frente ao mundo, do qual o ser se “separa”, e, objetivando-o, transforma-o com sua ação” (p. 91).

Para Ricardo Santhiago (2009), essas ações de “ousadia feminina” resultam em conquistas frente aos obstáculos que as sociedades machistas e conservadoras lhes impõem. Essas atoras sociais provocaram certa ruptura no sistema, que as enxerga como submissas, meio em que suas ações geralmente estão limitadas aos espaços domésticos e familiares, nos quais encontram uma certa liberdade. Mas, na sociedade mais ampla, essa liberdade quase sempre lhes é tolhida. Esse autor assim define a ousadia feminina:

Enquadradas por circunstâncias sociais, históricas e culturais pouco favoráveis, recusaram o papel de vítimas. Em vez de assujeitadas, agiram e agem como sujeitos. Erigiram, pelo acúmulo das conquistas cotidianas, um novo lugar de fala que desobriga qualquer um a “dar-lhe voz”, herança de uma militância que, cosmetizada em ativismo, contradiz-se na defesa desnecessária do protagonismo. O exercício destas mulheres, afinal, sempre foi o da autoridade (Santhiago, 2009, p. 21-22).

Nesse sentido, Claudete de Sousa Nogueira (2009), ao pesquisar os grupos (batalhões) de batuque de Umbigada de três cidades do interior paulista (Tietê, Piracicaba e Capivari), destacou a importância da presença feminina nos batuques, pois, nos últimos anos, algumas mulheres vêm assumindo a liderança frente a esses grupos.

Esse posicionamento, no passado, seria impossível. Isto é, uma mulher ser líder de grupo de batuqueiros colidia com a própria tradição do samba. Mas Nogueira (2009), em sua pesquisa, identificou que esse cenário está mudando ultimamente, pois localizou lideranças femininas nos grupos. Um exemplo disso são as presenças marcantes de mulheres “batuqueiras” em um grupo tradicional de samba de batuque, oriundo da cidade de Piracicaba, no interior paulista. A pesquisa de Claudete nos apontou também a existência de mulheres “puxadoras de samba” ou “donas do samba”, como são conhecidas pela comunidade. Essas, por sua vez, assumiram papéis estratégicos na evolução dos folguedos. Vale destacar que raramente essas funções eram executadas, no passado, por pessoas do sexo feminino.

No documentário *Bumbo da Samba* (2003), Alceu Estevam, integrante do Grupo de Dança e Teatro Urucungos, Puítas e Quijenjes, descreveu o posicionamento das mulheres e dos homens ao participarem dos batuques de umbigada: “[...] o dono do samba, aquele que está cantando, lança a pergunta e as mulheres respondem [...]”, assumindo uma posição fundamental para a realização do samba, entretanto, subalterna ao simplesmente responderem à pergunta do “dono do samba”.

Nogueira (2009), contradizendo Estevam (*Bumbo da...*, 2003), descreve o papel que a mulher exerce atualmente nos batuques, dizendo:

No decorrer da pesquisa, presenciei constantemente a participação feminina das mulheres que, ao se assumirem como herdeiras da tradição ou pertencerem ao grupo dos “novos batuqueiros”, são responsáveis pelas danças e coreografias, pelo coro, pela cozinha e na preparação da refeição servida: a canja, enfim, exercem papel fundamental para o desenvolvimento e a manutenção dessa prática cultural (Nogueira, 2009, p. 117).

Ainda nesse contexto, podemos citar a pesquisa de Elizabete Aparecida Pinto (1993), que reconstrói a trajetória de vida da militante negra Dona Laudelina de Campos Mello (1904–1991), que também exercia o papel de doméstica nas casas de famílias abastadas de Campinas. A pesquisadora descreve o papel de militância de Laudelina e sua eficácia junto aos movimentos sociais. A investigação reconstrói a trajetória de uma mulher negra que lutou contra o preconceito racial e contra as injustiças sofridas pelas trabalhadoras de sua classe, as empregadas domésticas. Reivindicando e batalhando junto ao poder público pela garantia dos direitos trabalhistas para as domésticas, tal fato rendeu-lhe o apelido de “*Terror das Patroas*”. Suas ações culminaram com a fundação do Sindicato das Empregadas Domésticas de Campinas, que, atualmente, tem sua sede localizada na Rua Ataulfo Alves, na Vila Castelo Branco, bairro situado na região noroeste de Campinas, em um imóvel deixado por Laudelina como doação para a Associação por ela criada.

A socióloga Olga Rodrigues Moraes von Simson (2007), em sua tese de doutorado intitulada *Branco e negros no Carnaval popular paulistano (1914-1988)*, já apontava também o importante papel das mulheres no espaço do Carnaval popular de São Paulo. Nessa pesquisa, um fato se destaca: a presença feminina em momentos cruciais para a manutenção do Carnaval popular paulistano. O desfile carnavalesco se caracteriza

tradicionalmente como espaço masculino, sendo que raramente as mulheres ocupam cargos de liderança no folgado popular. Mas, em meados dos anos 1960 e a partir da década de 70, entretanto, algumas mulheres começaram a mudar esse paradigma, pois passaram a se destacar como líderes, ficando à frente de suas agremiações carnavalescas.

Outra pesquisa de destaque é de autoria da antropóloga Neusa Maria Mendes Gusmão (1996), intitulada *Terra de pretos, terra de mulheres: terra, mulher e raça num bairro rural negro*, que possui caráter etnográfico, com enfoque em três tópicos: relações de gênero, etnicidade e campesinato. Tendo como ponto de partida a trajetória de vida de três irmãs ex-cativas da casa grande e a formação da comunidade rural negra de Campinho da Independência, localizada no município de Paraty, no estado do Rio de Janeiro, a autora mostra que, na atualidade, a comunidade está organizada de forma coletiva. O uso do solo, da casa de farinha, da igreja e do campo de futebol é coletivamente explorado por seus membros. Toda a comunidade tem como referência a presença das três pioneiras que, no passado, fundaram o local e um núcleo familiar e, assim, deixaram um legado, uma tradição dos seus habitantes da comunidade. Embora os homens se façam presentes no local, o sistema de organização da parentela é matrilinear, pois a maioria dos habitantes descendem dessas mulheres. E mulheres, principalmente as mais idosas, assumiram a liderança na manutenção da memória e dos costumes locais.

Mas um fato preocupante, que chama a atenção e põe em risco o futuro da comunidade é a questão do direito às terras, pois elas foram doadas pelos antigos proprietários da Fazenda Independência às três irmãs, como forma de “indenização pelos serviços prestados” no cativeiro, mas sem documentação legal. Sendo assim, a população do quilombo tem sido vítima de constantes pressões imobiliárias, sofrendo inúmeras ameaças. Gusmão (1996) destaca outra ameaça que ronda a comunidade, como a própria autora denominou, “os caminhos da branquidão”. A presença da ideologia etnocêntrica é um “fantasma” que ronda o local, pois, nos próprios desenhos das crianças da comunidade e na fala dos mais velhos, fica explícito que eles têm como modelo o indivíduo branco.

Trazendo para o cenário mais atual, podemos observar pequenos avanços ao longo da nossa história. Na cultura, vamos encontrar muitas lideranças femininas negras que têm se destacado, na música, no teatro e na literatura. Um destaque importante é a cantora Elza Soares<sup>20</sup>, que deixou um legado de sucesso, de luta, de altos e baixos em sua carreira e de resistência contra o machismo e o racismo. Uma personalidade ímpar, que tem em sua história de vida um exemplo da resistência e do peso do preconceito. Outro nome importante que não podemos deixar de citar é o da escritora Conceição Evaristo<sup>21</sup>, uma referência para as mulheres negras.

Na política, ainda com pequena participação feminina, podemos ressaltar algumas líderes negras chegando a cargos importantes. Um exemplo é o papel de Benedita da Silva<sup>22</sup>, primeira mulher negra a se tornar governadora de um estado e com destaque na política nacional. Nessa mesma linha, um exemplo que merece ser lembrado é o de Marielle Franco<sup>23</sup>, vereadora do Rio de Janeiro que foi brutalmente assassinada em 2018. Marielle deixou um importante legado na luta pelos direitos das mulheres negras, com forte atuação nas áreas periféricas da cidade do Rio de Janeiro.

Esses foram alguns poucos exemplos. Muito ainda se tem para pesquisar e resgatar da memória dessas histórias das lideranças femininas afrodescendente, como Djamila Ribeiro<sup>24</sup> e tantas outras que precisam ser estudadas e resgatadas em nossa história, bem como de seu papel nas lideranças sociais, na política, na educação, na cultura, na saúde e em todos os espaços que lhe são de direito. Essas mulheres são exemplos de resistências na luta por seus direitos e na denúncia das desigualdades e

---

<sup>20</sup> Para saber mais, acesse: FUKS, R. Elza Soares: cantora e compositora brasileira. **Ebiografia**, 2022. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/elza\\_soares/](https://www.ebiografia.com/elza_soares/). Acesso em: 06 abr. 2023.

<sup>21</sup> Para saber mais, acesse: SOUZA, W. Conceição Evaristo. **Por.tu.guês**, 2022. Disponível em: <https://www.portugues.com.br/literatura/conceicao-evaristo.html>. Acesso em: 06 abr. 2023.

<sup>22</sup> Para saber mais, acesse: DICIONÁRIO DE FAVELAS MARIELLE FRANCO. Benedita da Silva (PT-RJ). **WikiFavelas**, 2023. Disponível em: [https://wikifavelas.com.br/index.php/Benedita\\_da\\_Silva\\_\(PT/RJ\)](https://wikifavelas.com.br/index.php/Benedita_da_Silva_(PT/RJ)). Acesso em: 06 abr. 2023.

Acesse a biografia em: BENEDITA DA SILVA. Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/73701/biografia>. Acesso em: 06 abr. 2023.

<sup>23</sup> Para saber mais, acesse: QUEM É Marielle Franco? Instituto Mariele Franco, [2023]. Disponível em: [https://www.institutomariellefranco.org/quem-e-marielle?gclid=EAIaIQobChMI9KKFzpSW\\_gIVAc6RCh1PlgKGEAAAYASAAEgLBtPD\\_BwE](https://www.institutomariellefranco.org/quem-e-marielle?gclid=EAIaIQobChMI9KKFzpSW_gIVAc6RCh1PlgKGEAAAYASAAEgLBtPD_BwE). Acesso em: 06 abr. 2023.

<sup>24</sup> Para saber mais, acesse: FUKS, R. Djamila Ribeiro. **Ebiografia**, 2021. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/djamila\\_ribeiro/](https://www.ebiografia.com/djamila_ribeiro/). Acesso em: 06 abr. 2023.

dos abusos. São mulheres que ocuparam a linha de frente das mobilizações e que pagaram, em alguns casos, com a própria vida, deixando como legado um papel importante para a sociedade.

### **Representatividade nas instâncias governamentais**

Para se ter uma noção do desafio quando pensamos em representatividade, trazemos a matéria publicada no site Metrôpoles, em 29 de dezembro de 2022, intitulada *Lula baterá recorde de mulheres e negros nos ministérios desde a redemocratização* (Andrade, 2022), que acabou por abrir o debate sobre a falta de representatividade de parcelas importantes da sociedade quando olhamos para o alto escalão dos governos.

Essa matéria se baseou em uma consulta à Biblioteca da Presidência da República e destacou o período desde a redemocratização do Brasil, em 1985. Resgatando os mandatos dos presidentes Sarney (1985–1990), Fernando Collor (1990–1992), Itamar Franco (1992–1994), FHC (1995–1992 e 1999–2002), Lula (2003–2006 e 2006–2010), Dilma (2011–2015 e 2015–2016), Temer (2016–2018), Bolsonaro (2019–2022) e Lula (2023–2026) (Andrade, 2022).

O quadro 1, baseado na matéria publicada pelo site Metrôpoles, nos ajuda a refletir sobre as conquistas e, principalmente, nos leva a pensar na luta e necessidade de políticas afirmativas, de gênero e de diferentes pautas de lutas que precisam ter voz e representatividade, como o racismo estrutural, o identitarismo, o sexismo e muitas outras que são urgentes e necessárias.

**Quadro 1** - Avanço da inclusão e diversidade no primeiro escalão dos presidentes do Brasil

<b>Presidência</b>	<b>Representatividade no governo</b>	<b>Descrição</b>
Sarney (1985–1990)	Durante o governo, apenas Dorothea Fonseca atuou como Ministra Interina no Ministério do Trabalho.	O governo de José Sarney marcou o período de pior representatividade feminina. Em 25 ministérios, mulheres e afrodescendentes não fizeram parte do primeiro escalão. Durante o governo, apenas Dorothea Fonseca atuou como

		Ministra Interina no Ministério do Trabalho.
Fernando Collor (1990–1992)	Margarida Procópio – Ministra da Ação Social (1990–1992);  Zélia Maria de Mello – Ministra da Fazenda (1990–1991).	O presidente Fernando Collor nomeou duas mulheres para o primeiro escalão. Mas pessoas negras não ganharam espaço nos Ministérios do presidente.
Itamar Franco (1992–1994)	Luiza Erundina – Ministra por cinco meses da Secretaria de Administração Federal.	O primeiro escalão do presidente, como pode-se observar, basicamente contou com a ausência de mulheres e afrodescendentes.
Fernando Henrique Cardoso (1995–1998)	Dorotheia Werneck – Ministra da Indústria, do Comércio e do Turismo (1995–1996);  Edson Arantes do Nascimento (o Pelé) <sup>25</sup> – Ministro dos Esportes (1995–1998);  Cláudia Costin <sup>26</sup> – Ministra da Administração.	Como pode-se observar, o primeiro escalão contou apenas com duas mulheres e um homem negro.
Fernando Henrique Cardoso (1999–2002)	Anadyr de Mendonça Rodrigues foi a primeira Ministra do tucano. Ela assumiu a Corregedoria Geral da União, criada em abril de 2001. Comandou a pasta até 1º de janeiro de 2003.	O primeiro escalão do segundo mandato de FHC nomeou apenas uma mulher, mas nenhum negro.
Luiz Inácio Lula da Silva (2003–2006)	Dilma Rousseff – Ministra de Minas e Energias (2003–2005);  Emília Fernandes – Ministra dos Direitos da Mulher (2003–2004);  Gilberto Gil – Ministro da Cultura (2003–2008);  Marina Silva – Ministra do Meio Ambiente (2003–2008);  Matilde Ribeiro – Ministra da Igualdade Racial 2003–2008).	Durante o primeiro mandato, o governo Lula tinha, até então, a maior marca de mulheres no primeiro escalão. No total, foram cinco mulheres escolhidas. Lula também detém a maior quantidade de negros entre os nomeados. Em 2003, foram empossados quatro afrodescendentes.
Luiz Inácio Lula da Silva (2006–2010)	Benedita da Silva – Ministra da Assistência e Promoção Social (2003–2007);	Após a reeleição, o primeiro escalão do Presidente Lula era

<sup>25</sup> Em 29 de abril de 1998, Pelé deixou a pasta, após exoneração. O ministério, então, foi extinto (Andrade, 2022).

<sup>26</sup> Em 1998, Cláudia Costin assumiu o Ministério da Administração, quando o então titular, Bresser Pereira, pediu afastamento para participar da campanha à reeleição de FHC (Andrade, 2022).

	<p>Dilma Rousseff – Ministra da Casa Civil (2005–2010);</p> <p>Gilberto Gil – Ministro da Cultura (2003–2008);</p> <p>Marina Silva – Ministra do Meio Ambiente (2003–2008);</p> <p>Matilde Ribeiro – Ministra da Igualdade Racial 2003–2008);</p> <p>Marta Suplicy – Ministra do Turismo (2007–2008);</p> <p>Nilcea Freire – Ministra da Mulher (2004–2011);</p> <p>Orlando Silva – Ministro dos Esportes (2006–2011).</p>	<p>composto por seis mulheres e cinco pessoas negras (dentre as quais havia dois homens).</p>
<p>Dilma Rousseff (2011–2015)</p>	<p>Anna de Hollanda – Ministra da Cultura (2011–2012);</p> <p>Helena Chagas – Ministra da Secretaria de Comunicação da Presidência (2011–2014);</p> <p>Ideli Salvatti – Ministra da Pesca e Aquicultura (2011);</p> <p>Iriny Lopes – Ministra da Secretaria de Políticas para as Mulheres (2011–2012);</p> <p>Izabella Teixeira – Ministra do Meio Ambiente (2010–2016);</p> <p>Luiza Bairros – Ministra dos Direitos Humanos (2011–2014);</p> <p>Miriam Belchior – Ministra do Planejamento (2011–2015);</p> <p>Orlando Silva – Ministro dos Esportes (2011);</p> <p>Tereza Campello – Ministra do Desenvolvimento Social (2011–2016).</p>	<p>Até 2022, Dilma Rousseff havia sido a presidenta com mais mulheres no primeiro escalão. Ao todo, foram nove mulheres. Além disso, dois negros ocuparam pastas no governo da petista, a Ministra da Igualdade Racial, Luiza Bairros e o Ministro dos Esportes Orlando Silva.</p>
<p>Dilma Rousseff (2015–2016)</p>	<p>Eleonora Menicucci – Ministra das Políticas para as Mulheres (2012–2015);</p>	<p>A equipe do segundo mandato da presidenta foi dividida em 39 pastas, com seis mulheres. Porém, com</p>

	<p>Kátia Abreu – Ministra da Agricultura (2015–2016);</p> <p>Ideli Salvatti – Ministra dos Direitos Humanos (2014–2015);</p> <p>Izabella Teixeira – Ministra do Meio Ambiente (2010–2016);</p> <p>Nilma Lino Gomes – Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos (2015–2016);</p> <p>Tereza Campello – Ministra do Desenvolvimento Social (2011–2016).</p>	<p>apenas uma pessoa negra, a Ministra Nilma Lino Gomes.</p>
Michel Temer (2016–2018)	Luislinda Valois <sup>27</sup> – Ministra dos Direitos Humanos.	No governo de Michel Temer, basicamente não houve mulheres e pessoas negras no primeiro escalão, mesmo com 22 nomes de ministros anunciados para a posse em 2016.
Jair Bolsonaro (2019–2022)	<p>Tereza Cristina – Ministra da Agricultura (2019–2022);</p> <p>Damaris Alves – Ministra das Mulheres, Família e Direitos Humanos (2019–2022).</p>	O mandato do presidente Jair Bolsonaro (PL), formado por 22 integrantes, contou com apenas duas mulheres.
Luiz Inácio Lula da Silva (2023–2026)	<p>Ana Moser – Ministra dos Esportes;</p> <p>Anielle Franco – Ministra da Igualdade Racial;</p> <p>Cida Gonçalves – Ministra das Mulheres;</p> <p>Daniela Souza – Ministra do Turismo;</p> <p>Esther Dweck – Ministra da Gestão e Inovação;</p> <p>Luciana Santos – Ministra da Ciência e Tecnologia;</p> <p>Margareth Menezes – Ministra da Cultura;</p> <p>Marina Silva – Ministra do Meio Ambiente;</p> <p>Nísia Trindade – Ministra da Saúde;</p>	Em seu terceiro governo, podemos observar o estabelecimento de um número histórico de mulheres no primeiro escalão, com 11 ministras anunciadas. Além disso, foi estabelecido o recorde de inclusão racial, com cinco negros e uma indígena escolhidos para comandarem as pastas do atual governo.

<sup>27</sup> Em fevereiro de 2017, Temer criou o ministério dos Direitos Humanos. Luislinda Valois assumiu a pasta na tentativa de “melhorar a imagem do governo” (Andrade, 2022).

	Silvio Almeida – Ministro dos Direitos Humanos; Simone Tebet – Ministra do Planejamento; Sonia Guajajara – Ministra dos Povos Indígenas.	
--	--	--

**Fonte:** Elaborado pelos autores, com base em Andrade (2022).

O quadro acima apresenta um retrato dos últimos 38 anos e nos mostra, de forma bem objetiva, o quanto ainda precisamos avançar na luta dos direitos, da representatividade e da inclusão de mulheres, principalmente de mulheres negras, no campo da política. Há sinais de avanços, mas também podemos observar que são ainda tímidos, frutos de muitas lutas e superação de resistências. Um exercício interessante e necessário é investigar os trabalhos dos Ministérios da Igualdade Racial, das Mulheres, da Cultura, do Meio Ambiente, dos Direitos Humanos e dos Povos Indígenas, de forma a quantificar e compreender a presença das lideranças femininas nesses espaços e suas contribuições nas pautas. Conhecer suas lutas, suas pautas e seus desafios é tarefa dos pesquisadores. Essas lutas não são meras histórias, mas precisam ganhar sentido e voz.

### **Considerações finais**

Podemos finalizar observando que as lideranças femininas afrodescendentes no Brasil tem, em suas histórias de luta, uma trajetória de resistência e enfrentamento. De uma forma ou de outra, todas são marcadas por inúmeros desafios e, muitas vezes, aparentemente inalcançáveis, mas que foram superados e hoje são fontes de inspiração para outras mulheres e principalmente para a juventude e para as crianças. São mulheres que transformaram a realidade, que não se conformaram e que exercem uma resistência que tem sido essencial na luta para uma sociedade mais justa e igualitária.

Neste ensaio, partimos de histórias e de registros de pesquisas realizadas por pesquisadores de renome na academia. Terminamos trazendo a importância da mulher negra na política e convidamos os pesquisadores a aprofundarem seus estudos, em suas diferentes áreas, para o resgate das lideranças femininas e, principalmente, das lideranças afrodescendentes em nosso país. Precisamos revisitar nossa história e trazer

para o texto aquilo que foi esquecido, deixado de lado. Reescrever nossa história é um compromisso, um dever para com as futuras gerações.

### **Referências bibliográficas**

ANDRADE, M. Lula baterá recorde de mulheres e negros nos ministérios desde a redemocratização. **Metrópoles**, 29 dez. 2022. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/lula-batera-recorde-de-mulheres-e-negros-nos-ministerios-desde-a-redemocratizacao>. Acesso em: 07 abr. 2023.

BUMBO DA Samba 2003. Roteiro, direção e produção: Mariana Valença, Ivi Vitoriano, Priscila Fabi e Renata Pagliuso. [S. l.], 2019. 1 vídeo (20 min), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SUZte8budxg>. Acesso em: 23 jun. 2020.

CARNEIRO, S.; CURY, C. A. O poder feminino no culto aos Orixás. **Caderno Geledés Mulher Negra**, n. 4, p. 19-35, 1993.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. v. 1. Petrópolis, Vozes, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUSMÃO, N. M. M. de. **Terra de pretos, terras de mulheres: terra, mulher e raça num bairro rural negro**. Brasília, DF: Fundação Palmares, 1996.

MACIEL, C. da S. **Discriminações raciais: negros em Campinas (1888-1921)**. Campinas: Unicamp/CMU, 1997.

NOGUEIRA, C. de S. **Batuque de umbigada paulista: memória familiar e educação não formal no âmbito da cultura afro-brasileira**. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

PINTO, E. A. **Etnicidade, gênero e educação: a trajetória de vida de D. Laudelina de Campos Mello (1904-1991)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, 1993.

RICCI, M. L. de S. R. História, identidade e memória de alguns espaços negros de Campinas. **Notícia Bibliográfica Histórica**, Campinas, v. 31, n. 175, p. 390-399, dez. 1999.

SANTHIAGO, R. **Solistas dissonantes: história (oral) de cantoras negras**. São Paulo: Letra e Voz, 2009.

SIMSON, O. R. de M. von; GUSMÃO, N. M. M. de. A criação cultural na diáspora e o exercício da resistência inteligente. **Ciências Sociais Hoje: Anuário de Antropologia, política e sociologia**. São Paulo: ANPOCS/Revista dos Tribunais, 1989.

SIMSON, O. R. de M. von. **Carnaval em branco e negro**: carnaval popular paulistano 1914-1988. Campinas: Unicamp; São Paulo: EDUSP, 2007.